

RAE-IC, Revista de la Asociación Española de
Investigación de la Comunicación

vol. 9, núm. 17 (2022), 388-409

ISSN 2341-2690

DOI: <https://doi.org/10.24137/raeic.9.17.16>



Recibido el 14 de diciembre de 2021

Aceptado el 2 de febrero de 2022

Rádios comunitárias como ferramenta didático-pedagógica em tempos de pandemia: uma análise das rádios comunitárias de Sussudenga e Gandwâ

*Community radios as a didactic-pedagogical tool during pandemic period:
An analysis of community radios in Sussudenga and Gandwâ*

Zavale, Alexandre Dinis

Escola Superior de Jornalismo (ESJ)

alexndrezavala@gmail.com

Zavala, Nádia Atália

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

nadiaalexandrezavala@gmail.com

Lino, Nelson D. João

Escola Superior de Jornalismo (ESJ)

nelsondomingoslino89@gmail.com

Forma de citar este artículo:

Zavale, A. D., Zavala, N. A. y Lino, N. D. J. (2022). Rádios comunitárias como ferramenta didático-pedagógica em tempos de pandemia: uma análise das rádios comunitárias de Sussudenga e Gandwâ. *RAE-IC, Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación*, 9(17), 388-409.

<https://doi.org/10.24137/raeic.9.17.16>

Resumen:

O artigo busca compreender a utilização das rádios comunitárias como recurso didático-pedagógico. Através do estudo de caso da Rádio Comunitária da Vila de Sussundenga e da Escola Primária Completa do Bairro da Unidade; da Rádio Comunitária de Gandwâ-Gondola e da Escola Primária Completa de Ganhiro Bengo, concluiu-se que as aulas leccionadas através da mediação das rádios comunitárias não foram dialógicas, e tiveram pouca participação. A falta de receptores de rádio pela maioria dos alunos, o despreparo dos professores na produção de conteúdos a serem transmitidos via meios de comunicação contribuiu negativamente para o decurso normal do processo de ensino-aprendizagem. Finalmente, o artigo propõe a existência de um Profcomunicador, que seria aquele professor que para além de dominar os aspectos pedagógicos de educação, precisa também dominar os aspectos mediáticos, isto é, ter a capacidade de planificar para além das aulas presenciais, aulas para serem transmitidas via meios de comunicação, mediante o uso de linguagens e recursos didático-pedagógicos e mediáticos.

Palabras clave: rádios comunitárias, educomunicação, profcomunicador.

Abstract:

The article seeks to understand the use of community radios as a didactic-pedagogical resource. Through the case study of the Community Radio of Vila de Sussundenga and the Complete Primary School of Bairro da Unidade; of the Gandwâ-Gondola Community Radio and the Ganhiro Bengo Primary School, it was concluded that the classes taught through the mediation of the community radios were not dialogic, and had little participation. The lack of radio receivers by most students, the lack of preparation of teachers in the production of content to be transmitted via the media contributed negatively to the normal course of the teaching-learning process. Finally, the article proposes the existence of a Profcommunicator, who would be that teacher who, in addition to mastering the pedagogical aspects of education, also needs to master the media aspects, that is, having the ability to plan, in addition to face-to-face classes,

classes to be transmitted via the media, through the use of languages and didactic-pedagogical and media resources.

Keywords: community radios, educommunication, profcommunicator

1. INTRODUÇÃO

A pandemia da COVID - 19 veio impor novas formas de pensar o processo de ensino-aprendizagem, se antes o contato direto entre professores e alunos do ensino básico (da 1ª a 9ª classe) era feito presencialmente, hoje um novo cenário se traça: aulas mediadas pelos meios de comunicação social. Em países pobres, tal como é Moçambique, aonde o sinal de internet e de televisão não chegam a todas as comunidades, as rádios comunitárias passaram a ser verdadeiras escolas, transmitindo aulas via ondas hertzianas.

De acordo com INE (2017) dos 1 656 646 habitantes da província de Manica, apenas 76 529 usam a internet e destes apenas 6 555 têm acesso permanente a internet; por outro lado 150 702 têm aparelho de rádio em casa e 85 131 de televisão.

Para a percepção do uso das rádios comunitárias como ferramenta didático - pedagógica é necessário, primeiro, identificar os elementos presentes nesse processo dialógico: como é feita a planificação de aulas, o roteiro da apresentação da aula e investigar como os professores conseguem fazer a mediação da aula radiodifundida e por outro lado, perceber que sentidos didáticos os alunos constroem a partir dos conteúdos (aulas) transmitidos via rádios comunitárias.

Para fazer avançar a pesquisa foi realizado um estudo de caso da rádio comunitária Gândwa que emite através da frequência FM 97.3 Mhz e da Escola Primária Completa de Ganhira Bengo, estes localizam-se no Distrito de Gondola, na província de Manica em Moçambique. Gondola limita-se, a norte com os distritos de [Macossa](#) e [Bárue](#), a oeste com o distrito de [Vanduzi](#), a sul com a cidade do [Chimoio](#) e com os distritos

de [Macate](#), e [Búzi](#) da província de [Sofala](#), a leste com o distrito de [Nhamatanda](#), e a nordeste com o distrito de [Gorongosa](#) ambos da província de Sofala.

Por outro lado, estudou-se a Escola Primária Completa do Bairro da Unidade e a rádio comunitária de Sussundenga (emite na frequência 99.6 Mhz FM), localizadas no distrito de Sussundenga na província de Manica. Este distrito tem como sede a vila de Sussundenga, os seus limites são: a norte faz fronteira com os distritos de Manica e Gondola, a oeste com a República do Zimbabwe, a sul com o distrito de Mossurize, a sudeste e leste com o distrito de Chibabava e também a leste com o distrito de Búzi, ambos da província de Sofala.

2. RÁDIOS COMUNITÁRIAS EM MOÇAMBIQUE: DO CONCEITO AO SEU PAPEL NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Com a proliferação da COVID 19, muitas escolas das zonas rurais de Moçambique tiveram que interromper as aulas presenciais. Foi neste cenário que as rádios comunitárias passaram a ser o meio de ligação entre professores e alunos.

Neste período as rádios comunitárias passaram a transmitir não só notícias, entretenimento, mobilização, educação e cultura, mas também informações inerentes ao processo de ensino-aprendizagem. De acordo com UNESCO/PNUD-MOZ (2004, p. 9), são designadas Rádios Comunitárias todas aquelas que tratam de assuntos comunitários e que servem à comunidade. Acrescentam os autores citando a Associação Mundial das Rádios Comunitárias (AMARC) que se entende por rádio comunitária como sendo aquela da comunidade (os membros da comunidade são donos e decidem o conteúdo), feita pela comunidade (têm produtores dos programas que tratam os assuntos comunitários), voltada para a comunidade (os ouvintes).

As várias emissoras de rádios comunitárias espalhadas em Moçambique passaram a ser verdadeiros lugares da manifestação da democracia comunitária e, ademais, da veiculação das identidades comunitárias. Nesta perspectiva, AMARC (1998, p. 20) citando *Eugénie AW* (1995) afirma que “a rádio abre o discurso tradicional africano para novos espaços, para a conquista do tempo, para a renovação dos laços de amizade. A

fala torna-se assim uma componente que constitui o mundo. (...). A rádio, promotora duma escola de línguas nacionais, duma escola técnica baseada na experiência africana: as rádios, educadoras e reforçadoras das vozes das mulheres tantas vezes caladas, não devem ficar na utopia, mas antes numa estratégia efectiva no ar”.

As rádios comunitárias desempenham vários papéis nas comunidades, a este respeito a AMARC (1998, p. 21) afirma que estas podem desempenhar um papel vital no desenvolvimento e na democratização, através: (1) da permissão às comunidades de fazerem ouvir as suas próprias experiências e de examinar, de forma crítica, assuntos, processos e programas políticos que afectam as suas vidas e (2) de educar (participar no processo de ensino-aprendizagem, [grifo nosso]) e mobilizar as comunidades envolvidas em iniciativas de desenvolvimento e estratégias que vão resultar numa vida melhor para os ouvintes (educação de votantes, SIDA, governo local, questões sobre género, construção da paz, problemas do ambiente, educação e transmissão de assuntos escolares).

2.1. BREVE HISTORIAL SOBRE A RADIODIFUSÃO COMUNITÁRIA EM MOÇAMBIQUE

Em Moçambique, as Rádios Comunitárias surgiram e se expandiram na segunda metade da década 90 do século XX, como resultado da democratização do país e da necessidade de prover o cidadão de informações locais, produzidas no local, pelos locais para os locais. (Zavale, 2019)

O Decreto n° 9/93, de 22 de Junho de 1993, que regulamenta a liberalização do sector da radiodifusão em Moçambique, define quatro níveis de radiodifusão, nomeadamente:

- a) Sectores de radiodifusão pública; Sectores de radiodifusão privada; Sectores de radiodifusão mista e Sectores de radiodifusão cooperativa.

Existem em Moçambique dois grupos de Rádios Comunitárias, as geridas pelo Instituto de Comunicação Social em número de 63 e as filiadas ao Fórum das Rádios Comunitárias. As rádios filiadas ao FORCOM (51) algumas são pertencentes à Igreja Católica e outras as organizações cívicas. As rádios sob gestão das organizações cívicas umas foram instaladas com o apoio da UNESCO/PNUD e outras por organizações da sociedade civil. Estas estações de rádio são geridas por membros eleitos pela

comunidade e os programas são produzidos e geridos por voluntários ao nível da comunidade. De acordo com Vieira Mário, Minnie e Bussiek (2010), a intenção destas rádios aquando da sua instalação foi e é dar voz as comunidades e criar meios alternativos de informação nas zonas rurais, onde não existissem outros meios, além da Rádio. As duas rádios em análise são geridas pelo ICS.

3. EDUCOMUNICAÇÃO: UMA ÁREA AINDA EM CONSTRUÇÃO EM MOÇAMBIQUE

Pensar a educação aliada à comunicação tem sido uma preocupação dos cientistas das duas áreas. A educação e a comunicação surgiram com seus próprios objectos de estudos e funções bem definidas que as distingue uma da outra, como afirma Narvaez (2019):

“A la primera le corresponde, en rigor, educar, como si el sistema escolar tuviera el monopolio de la educación; a la segunda, comunicar, en el sentido de integración física de la población en el territorio a través de las tecnologías de medios y de sus relatos mediáticos; (...). Por consiguiente, la actividad de la escuela se reduce a dos procesos: 1) el de instrucción o enseñanza de conocimientos, específicamente de los saberes escolares, 2) y el de inculcación o enseñanza de normas éticas, morales y legales y, desde luego, la reproducción del sistema social. La actividad de los medios se centraría, por una parte, en la información, o sea, en la difusión de los relatos no ficcionales; y por otra, en el entretenimiento o difusión de relatos ficcionales.(...)”.

O termo Educomunicação é um neologismo que não se refere apenas à junção de duas palavras (Educação e Comunicação). Conforme Soares (2002) trata-se de uma nova ciência resultante não apenas da união das áreas, mas de uma ênfase significativa na acção de transmissão do saber aos educandos através dos meios de comunicação de massa (...). Acrescenta o autor que a Educomunicação é:

(...) o conjunto das acções inerentes ao planeamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como melhorar o coeficiente comunicativo das acções educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem (Soares, 2002, p. 24).

Kaplún (1998, p. 239) no seu livro. *“Una pedagogía de la Comunicación”* afirma que

“(…), la comunicación educativa tendrá por objetivo fundamental el de potenciar a los educandos como emisores, ofreciéndoles posibilidades, estímulos y capacitación para la autogeneración de mensajes. Su principal función será, entonces, la de proveer a los grupos educandos de canales y flujos de comunicación —redes de interlocutores, próximos o distantes— para el intercambio de tales mensajes. Al mismo tiempo, continuará cumpliendo su función de proveedora de materiales de apoyo; pero concebidos ya no como meros transmisores-informadores sino como generadores de diálogo, destinados a activar el análisis, la discusión y la participación de los educandos y no a sustituirlas”.

A utilização dos meios de comunicação como ferramenta didático-pedagógica não é um fenómeno novo no país como afirmam Neeleman e Nhavoto (2003, p. 3), já em 1977, no seu terceiro congresso a Frelimo (Frente de libertação de Moçambique, movimento que libertou o país do colonialismo português e que depois se transformou em partido e actualmente governa o país) ao analisar a questão do acesso à educação, deu orientações para “estudar até 1979 as condições para o estabelecimento de um centro nacional de ensino por correspondência que utilize também a radiodifusão”. Acrescentam os autores que a luz desta orientação em 1984 teve lugar no país um curso de formação com a duração de cerca de seis meses, dado pelo Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia (IRDEB), com financiamento do Governo do Brasil e da UNESCO. Os participantes no curso foram treinados em três áreas: elaboração de material radiofónico, elaboração de material escrito e planificação e avaliação. Afirmam ainda os autores:

“Foram elaborados materiais escritos e programas radiofónicos. O curso foi testado com cerca de 1300 professores em exercício nalgumas das províncias do país. Os programas radiofónicos, transmitidos pela Rádio Moçambique, ganharam imediatamente grande popularidade, não apenas com o grupo alvo, mas também com um grande número de pessoas, ávidas em aumentar os seus conhecimentos, mas sem possibilidade de frequentar escolas regulares” (Neeleman e Nhavoto, 2003, pp. 3-4).

Esta iniciativa não teve muito sucesso, sendo que foi posteriormente abandonado, como advogam Neeleman e Nhavoto (2003, p. 4) “o grande entusiasmo com que foi lançada

esta iniciativa não foi suficiente para sustentá-la no meio de todas as dificuldades que surgiram. O curso arrancou enquanto a formação dos especialistas ainda estava a decorrer, o que resultou frequentemente em atrasos na expedição dos materiais e dos programas radiofónicos”.

4. ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A proposta deste artigo é o de compreender a utilização das rádios comunitárias como recurso didático-pedagógico, a partir do envolvimento de professores e alunos do ensino básico das zonas rurais, contribuindo para a construção de sentidos sobre o processo de ensino-aprendizagem, isto é, detectar na recepção (alunos) e na produção (professores) que sentidos são construídos sobre os conteúdos didáticos transmitidos via rádios comunitárias por outro lado, analisar as relações dialógicas que se constroem entre professores e alunos através da mediação das rádios, enquanto ferramenta didático-pedagógica.

Sobre o estudo de caso Yani (1994, p. 13) afirma que esta é uma abordagem metodológica de investigação especialmente adequada quando se procura compreender, explorar ou descrever acontecimentos e contextos complexos, nos quais estão simultaneamente envolvidos diversos fatores. Esta abordagem, segundo o autor, adapta-se à investigação em comunicação, quando o investigador é confrontado com situações complexas, de tal forma que dificulta a identificação das variáveis consideradas importantes, quando o investigador procura respostas para o “como?” e o “por quê?”. Nesta perspectiva, o estudo de caso serviu como base para dar resposta a “como” os professores e alunos usam as rádios comunitárias como ferramenta didático-pedagógica, por outro lado, como os professores planificam aulas para serem transmitidas via rádios comunitárias. Por fim como se cria o diálogo no relacionamento professor/alunos via rádios comunitárias?

4.1. NATUREZA DA PESQUISA

A pesquisa é de natureza qualitativa e quantitativa. Como afirma Goldenberg (2004, p. 62), numa dada pesquisa pode se fazer o cruzamento entre a pesquisa qualitativa e quantitativa. Para a autora,

“a integração da pesquisa quantitativa e qualitativa permite que o pesquisador faça um cruzamento de suas conclusões de modo a ter maior confiança que seus dados não são produto de um procedimento específico ou de alguma situação particular. Ele não se limita ao que pode ser colectado em uma entrevista: pode entrevistar repetidamente, pode aplicar questionários, pode investigar diferentes questões em diferentes ocasiões, pode utilizar fontes documentais e dados estatísticos.” (Goldenberg, 2004, p. 64).

Neste trabalho, a pesquisa qualitativa é “entendida como aquela que se fundamenta na discussão da ligação e correlação de dados interpessoais, na coparticipação das situações dos informantes, analisados a partir da significação que estes dão aos seus atos” (Michel, 2009).

Nesta perspectiva, nosso interesse é descobrir a variedade de opiniões sobre o uso das rádios comunitárias, enquanto ferramenta didático-pedagógica usada pelas escolas das zonas rurais da província de Manica, para o processo de ensino-aprendizagem. A abordagem quantitativa que aparece no trabalho justifica-se como instrumento de controlo da perspectiva institucional tanto dos professores como dos alunos. Empregou-se a perspectiva quantitativa para compreender, através de questões fechadas, a avaliação que os alunos fazem do uso das rádios comunitárias enquanto ferramenta didático-pedagógica.

4.2. TÉCNICA DE RECOLHA DE DADOS

4.2.1. Entrevistas

Para a recolha de dados, foi aplicada a entrevista em profundidade que, de acordo com Borgan (1994), *“es los encuentros cara a cara entre el investigador y los informantes, encuentros éstos dirigidos hacia la comprensión de las perspectivas que tienen los informantes respecto de sus vidas, experiencias o situaciones, tal como las*

expresan con sus propias palabras. Nesta pesquisa foram entrevistados 7 alunos da sétima classe, dois professores da Escola Primária Completa de Ganhira Bengo, por outro lado foram entrevistados 5 alunos e dois professores da Escola Primaria Completado Bairro da Unidade.

4.2.2. Questionário

Os alunos são elementos chave no processo de ensino-aprendizagem, por isso foi aplicado um questionário para aferir a utilização da rádio enquanto ferramenta didático-pedagógica. Neste sentido Kauark (2010, p. 58) afirma que o questionário, numa pesquisa, é um instrumento ou programa de colecta de dados. A confecção é feita pelo pesquisador; o preenchimento é realizado pelo informante. Acrescenta Cea D’Ancona (1999. p. 240), que *“lo cuestionario puede definirse como la aplicación de un procedimiento estandarizado para recabar información (oral o escrita) de una muestra amplia de sujetos. La muestra ha de ser representativa de la población de interés; y, la información se limita a la delineada por las preguntas que componen el cuestionario pre-codificado, diseñado al efecto”*.

No caso desta pesquisa, foram aplicadas perguntas fechadas onde o inquirido teve a possibilidade de escolher, dentre as várias alternativas, aquelas que expressavam a sua opinião referente ao papel da rádio comunitária enquanto ferramenta didático-pedagógica. Foram inquiridos 162 alunos, dos quais, 93 da Escola Primária Completa de Ganhira Bengo (Gondola). E os restantes 69 da Escola Primária Completa do Bairro da Unidade.

4.2.3. Operadores analíticos

Para a análise dos dados foram definidos 2 operadores analíticos:

- I. Comentário dos alunos sobre a sua presença nas aulas transmitidas via rádio.
- II. Ensinar através das rádios comunitárias: caminhos e desafios.

5. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

Para a análise e discussão dos dados, usamos os dois operadores analíticos definidos na metodologia.

5.1. O CASO: RÁDIO COMUNITÁRIA DE GANDWÂ E A ESCOLA PRIMÁRIA COMPLETA DE GANHIRA BENGO (GONDOLA)

5.1.1. Comentário dos alunos sobre a sua presença nas aulas transmitidas via rádio

Os 93 inquiridos na pesquisa de campo afirmaram que não tem hábitos de ouvir rádio, isso porque em suas casas não existe um aparelho de rádio, e casualmente escutam rádio quando seus progenitores estão em casa, isto se deve ao facto de os pais usarem o telefone celular como rádio. Para melhor compreensão deste fenómeno também se realizou uma entrevista com 7 alunos daquela escola, as falas abaixo testemunham e confirmam o que os inquéritos revelaram;

“Não tenho rádio em casa, por isso não tenho participado nas aulas, afirmou a entrevistada A”; na mesma linha de pensamento a entrevistada B afirmou: “Eu e minha família não temos acesso a rádio, pois em minha casa não temos o aparelho de rádio e meu pai também não tem telefone celular”; A entrevistada C afirmou “não tenho rádio e não tenho como participar das aulas transmitidas via rádio; O entrevistado D observou que: “Me é difícil falar desse tema, primeiro só ouvimos que haviam aulas dadas na rádio, ninguém nos avisou disso, segundo somos alunos da sétima classe sim, devíamos nos preocupar em ouvir notícias e outros assuntos nos meios de comunicação, mas a falta de recursos torna este processo difícil e posso afirmar que maior parte de meus colegas, assim como eu não tivemos e não temos acesso a rádio; A entrevistada E afirmou “Eu não tenho rádio em casa, mas meu pai costuma escutar rádio no seu telefone celular. Diferentemente das afirmações anteriores o entrevistado F afirmou “não tenho rádio em casa, mas as vezes escuto rádio na Vila sede de Gondola, usando celular de amigos para ouvir notícias, musica e desporto”; na mesma linha o entrevistado G afirmou que “tenho rádio em casa e escuto a mesma com o meu irmão, para ouvir musica e desporto (entrevistas realizadas na Escola Primária de Ganhira Bengo, no dia 9 de nov.20121).

Analizados os inquéritos e as entrevistas feitas pode se concluir que maior parte dos alunos da escola em análise não têm acesso a rádio e isso pode ter contribuído para a não participação em aulas transmitidas via rádio comunitária.

5.1.2. Ensinar através das rádios comunitárias: caminhos e desafios

Os medias jogam um papel importante no processo de ensino-aprendizagem, estes não só transmitem informações de interesse público, mas também participam na educação e formação da sociedade, missão essa que toma maior valor em sociedades onde o acesso à televisão e a internet ainda é deficitária, como é o caso de Moçambique. Dos 93 inquiridos apenas 3 que correspondem a aproximadamente a 3% têm acesso a rádio, dos quais só um teve acesso a aulas e os outros 2 não estavam a acompanhar aulas, mas sim outros programas, isto revela que 92 alunos que correspondem a aproximadamente 99% não participaram das aulas. O quadro 1 representa o eixo, programas, contribuição para o ensino e diálogo entre alunos e professores.

Quadro 1. Eixo, programas, contribuição para o ensino e diálogo entre alunos e professores

Entrevistados	Programas que gosta	Contributo da rádio no processo de ensino	Existência de diálogo entre professor/aluno
Aluno A	Não tive acesso a rádio, vi alguns programas na TV, mas não tinham nada a ver com aulas.	Não teve nenhum contributo	Não houve diálogo, o que acontecia deslocava-me a escola para ter acesso às fichas que preenchia em casa e depois devolvia a escola.
Aluno B	Não tenho como indicar, pois não tenho rádio em casa.	Nenhum contributo.	O que acontecia, eu ia à escola para receber exercícios (tirar cópias) para resolver em casa e entregar ao professor, não tive contacto com o professor nesse período por conta da COVID 19.
Aluno C	Não tenho rádio em casa por isso não tenho nenhum programa a indicar.	Nenhum contributo a rádio teve para mim na época da COVID 19	Nós íamos à escola para tirar cópia dos exercícios para fazer em casa. Nossos professores deixavam isso na secretária, não falavam connosco.
Aluno D	Sou de uma família com necessidade, não temos rádio, até porque quando	Não posso mentir, eu na rádio não aprendi nada, nada mesmo, nunca ouvi	Os trabalhos de casa que tínhamos eram deixados na escola e nós íamos lá tirar

Entrevistados	Programas que gosta	Contributo da rádio no processo de ensino	Existência de diálogo entre professor/aluno
	ouço rádio a tocar nos vizinhos vou lá, mas muitas das vezes é só música que escutamos.	minha professora dizendo algo lá, mesmo os meus vizinhos que têm rádio nunca me disseram que haviam aulas na rádio é novidade para mim.	cópias e depois de resolver íamos deixar e os professores recolham na secretária e deixavam lá outros trabalhos. Era difícil resolver aquilo sozinho, pior porque em casa ninguém entendia meus exercícios.
Aluno E	Gosto de ouvir música, relato de Moçambola ¹ , notícias, são esses programas que eu gosto.	Penso que não contribuiu muito, porque na verdade, mesmo, eu nunca ouvi nenhuma aula no rádio. Dizem as pessoas que a professora Ester fala lá, mas nós não tínhamos informação, talvez se nos tivessem avisado da hora, aqui na escola eu teria participado.	Penso que faltou informação para nós participarmos dessas aulas, eu tenho rádio em casa, se tivesse tido informação eu teria participado nessas aulas, mas não aconteceu, no tempo em que as aulas estavam suspensas eu só ia a escola recolher exercícios e depois vinha fazer aqui em casa com a ajuda do meu irmão, falar com os professores isso não ocorreu.
Aluno F	Eu amo o programa cena aberta, também ouço notícias para saber o que acontece no país e na minha zona. Outro programa que gosto é de música.	Penso que na rádio aprendo muitas coisas, a respeitar os mais velhos, sobre doenças, disso falam muito na rádio, mas coisas da escola eu nunca ouvi lá. Alguns amigos da vila me falavam que haviam aulas via rádio, mas eu nunca tive acesso.	Falar com a professora que dava aula, nunca fiz isso, pois nunca escutei nenhuma aula. O que posso dizer é que naquela época em que estávamos parados por conta da COVID 19 íamos a escola recolher exercícios para casa, os professores nem ficavam na escola para explicar as dúvidas, tudo deixávamos na tia da secretária.
Aluno G	Eu gosto de muitos programas, noticiosos, de desporto, que falam das coisas daqui da zona e alguns dias escutei uma professora a dar aulas na rádio, não conheço o nome do programa, mas ouvi.	Não deu para entender bem o que ela dizia, só na disciplina da língua portuguesa dava para entender, nas outras nem um pouco.	Não se falava com a professora, ela apenas falava e depois deixava TPC e dizia até próxima aula, não tínhamos possibilidade de colocar nossas dúvidas, mas penso que foi uma experiência e o que penso é que deviam nos avisar e talvez deixar nos ligar para a rádio para por nossas dúvidas.

¹ Moçambola, refere-se ao Campeonato nacional de futebol 11 de Moçambique.

Para melhor análise da contribuição das rádios comunitárias para o processo de ensino-aprendizagem em tempos de pandemia é necessário trazer a visão dos professores, o quadro 2 resume o que os professores disseram sobre o processo:

Quadro 2. Comentário dos professores sobre o processo

Entrevistados	Planificação de aulas	Contributo da rádio no processo de ensino	Existência de diálogo entre professor/aluno
Professora A	A nossa planificação não tinha tanta diferença da planificação normal que vínhamos fazendo em tempo normal de aulas presenciais. O que criou pouca diferença neste novo normal é que tivemos que usar outros métodos de ensino, passamos a usar pura e simplesmente o método expositivo, pois estávamos cientes que não estávamos lidando directamente com o aluno, por isso como professores estávamos cientes que apenas iríamos expor os conteúdos da aula, pois não há interacção entre eu e os alunos. Não tenho nenhuma formação para ensinar via rádio, mas tive uma pequena capacitação para a transmissão de aulas via rádio, essa capacitação só foi ministrada porque tínhamos que fechar uma lacuna de os alunos estarem muito tempo sem aulas.	Eu acho que sim, porque de alguma forma estas aulas não ajudam só os alunos, mas também os pais, porque há pais que estão a fazer o ensino de alfabetização, outros necessitam aprender uma e outra coisa, eu já fui contactado por um pai para dizer que aprendeu muito com as aulas via rádio.	A dificuldade prende-se com a falta de interacção, o que me leva a fazer um esforço para saber se o aluno entendeu ou não, esta é a maior dificuldade, pois não consigo perceber de imediato se o aluno entendeu ou não, como ocorre numa sala de aula, por outro lado tenho os exercícios que atribuímos que não temos a forma de saber se o aluno resolveu ou não, mesmo o TPC, dificilmente eu consigo perceber se o aluno resolveu ou não, ou qual é a dúvida que o aluno tem. Sempre que termina uma aula aconselho os alunos a rever a aula, exercitar e dou a correcção e oriento para que possam expor suas dificuldade.
Professor B	A nossa planificação de aulas não teve alteração, pois não temos conhecimentos que nos habilita a planificar aulas para ser leccionado em outras plataformas, o que aprendemos é planificar aulas para serem leccionadas em salas de aulas na presença de estudantes, neste novo normal provocado pela covid 19 tivemos que nos reinventar, não esta a ser fácil.	Penso que estamos longe de pensar num ensino mediado pela rádio, já explico porquê, primeiro nós os professores não temos formação para lidar com esse tipo de aulas, segundo maior parte dos nossos alunos não têm acesso a rádio, uns porque são extremamente pobres, outros porque preferem a televisão do que a rádio, terceiro penso que	Não tivemos nenhuma interacção, penso que os alunos também disseram isso. A falta de interacção deve-se primeiro ao formato de aulas via rádio que eram gravadas, logo não há como haver interacção aí, segundo o horário em que as mesmas aulas passavam não davam possibilidades, por exemplos para que os pais que usam celular como rádio pudessem

Entrevistados	Planificação de aulas	Contributo da rádio no processo de ensino	Existência de diálogo entre professor/aluno
		devia haver ao nível dos institutos de formação de professores e universidades que formam professores disciplinas que ensinam a produzir conteúdos para serem leccionados tanto na rádio, como nos outros meios de comunicação.	disponibilizar aos seus filhos para acompanhar e participarem das aulas, isso porque na hora das aulas estavam nos seus postos de trabalho ou na machamba. Penso que se deve repensar este modelo, pois sentimos que os alunos voltaram no ponto em que interrompemos as aulas. Como forma de solucionar isso nós optamos em deixar fichas de exercícios na secretária da escola para que os estudantes pudessem tirar cópias e resolver em casa.

Os cenários levantados tanto nos inquéritos como nas entrevistas revelam que ainda é um desafio o uso da rádio como ferramenta didático-pedagógica, isto porque os professores não dominam a linguagem mediática, muito menos a produção de conteúdos didáticos para serem transmitidos via rádio comunitária, as aulas são planificadas tendo em conta a realidade presencial, por outro lado, o facto de as aulas serem gravadas inibe a interacção professor/aluno condição primordial para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem. Na produção se percebe que há dificuldades de transmitir conteúdos que possam contribuir para o processo normal de ensino-aprendizagem, isto pelo facto de não haver diálogo entre os intervenientes, muitas vezes os professores foram obrigados a repetir as aulas dadas via rádio, pois os alunos revelaram desconhecimentos das mesmas.

Na recepção não há produção de sentidos sobre o processo de ensino-aprendizagem, pois a falta de interacção entre professor/alunos inibe que os primeiros apresentem os conteúdos e os segundos os possam assimilar e apresentarem suas dúvidas. Por outro lado, se percebe que a falta de adequação dos modelos de aulas presenciais para aulas mediadas pelos meios não possibilita que os alunos tenham entendimento sobre as

matérias laccionadas. Finalmente, o défice que se verifica na formação dos professores no que tange a utilização dos meios de comunicação tanto na formação destes, quanto no lugar de aplicação contribui negativamente para o processo de ensino-aprendizagem.

5.2. CASO 2: ESCOLA PRIMÁRIA COMPLETA DO BAIRRO DA UNIDADE E A RÁDIO COMUNITÁRIA DE SUSSUNDENGA

5.2.1. Comentário dos alunos sobre a sua presença nas aulas transmitidas via rádio

Dos 69 inquiridos na pesquisa de campo 59 que correspondem a 93% afirmaram que não têm hábitos de ouvir rádio, isso porque em suas casas não tem receptor de rádio, e casualmente escutam rádio quando seus progenitores estão em casa, isto se deve ao facto de os pais usarem o telefone celular como receptor de rádio. Para melhor compreensão deste fenómeno também foram realizadas entrevistas com 5 alunos daquela escola, as falas abaixo testemunham e confirmam o que os inquéritos revelaram;

“tenho rádio em casa e acompanho as aulas dadas pelos professores, embora seja difícil perceber as aulas de matemática” afirmou o entrevistado A; “as vezes escuto rádio em casa dos meus vizinhos, e fazemos escuta colectiva, somos uns 7 que nos juntamos para acompanhar as aulas naquela casa, não é meu hábito escutar rádio passei a fazer isso por causa da interrupção de aulas, era o único lugar onde podíamos acompanhar as aulas: disse o entrevistado B; “Para mim tem sido difícil acompanhar as aulas, primeiro não tenho rádio em casa, segundo não tenho vizinhos com rádio, vejo um pouco programas da televisão e acompanho as vezes o programa telescola, embora muitas vezes passa na TVM em tempo que não estou em casa” disse a entrevistada C; “posso dizer que não tenho hábito de escutar rádio, não acompanhei nenhuma aula, não tenho como comentar sobre isso” afirmou a entrevistada D; “Tenho rádio em casa e gosto do programa de crianças, também acompanho radionovelas e para além desse programa acompanhei um pouco as aulas que se transmitiam via rádio” disse a entrevistada E (entrevistas realizadas na Escola Primaria do Bairro da Unidade no dia 2 de dez. 2021).

Ao analisar tanto as entrevistas como os questionários pode se afirmar que maior parte dos alunos não tem acesso a rádio o que pode contribuir negativamente para o acesso a educação via rádio em tempos de pandemia.

5.2.2. Ensinar através das rádios comunitárias: caminhos e desafios

A rádio enquanto meio de comunicação joga um papel importante no processo de ensino-aprendizagem. Em tempos de pandemia, em que professores e alunos não têm contato direto, as aulas leccionadas via rádio podem contribuir para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem. Dos 69 inquiridos apenas 10 que correspondem a aproximadamente 7% têm acesso a rádio os restantes 59 alunos que correspondem a 93% não tiveram acesso ao rádio nem as aulas. O quadro 3 representa o eixo, programas, contribuição para o ensino e diálogo entre alunos e professores.

Quadro 3. Eixo, programas, contribuição para o ensino e diálogo entre alunos e professores

Entrevistados	Programas que gosta	Contributo da rádio no processo de ensino	Existência de diálogo entre professor/aluno
Aluno A	Gosto de programas de crianças, radionovelas e ultimamente tenho acompanhado aulas que passam na rádio comunitária.	Ajudou-me muito, principalmente nas disciplinas de letras, agora ciências era muito difícil entender. Não é fácil exercitar contas via rádio, se mesmo na sala é difícil imagina a distância.	Os professores diziam para que pudéssemos ligar para colocar as nossas dúvidas na hora em que as aulas passavam, mas nós não tínhamos crédito para tal, assim só me limitava a ouvir a professora e acompanhar a aula.
Aluno B	Não tenho rádio em casa, mas acompanhei as aulas em casa dos meus amigos, éramos um grupo de 7 meninos que fazíamos isso juntos. Eu gosto de programas de crianças e de radionovelas que passam na rádio, também gosto de programas que nos educam sobre saúde.	Penso que a rádio me ajudou muito, sem ela eu teria ficado sem aulas, e depois foi bom porque entre nós conversávamos em casa do nosso amigo sobre aquelas aulas que eram dadas pelos professores via rádio. .	Na verdade nós conversávamos muito em casa do meu amigo, um dia o pai dele ligou para o professor de matemática, porque não estávamos a entender a aula, aí colocamos nossas dúvidas, mas, regra geral, conversávamos entre nós.

Entrevistados	Programas que gosta	Contributo da rádio no processo de ensino	Existência de diálogo entre professor/aluno
Aluno C	Não tenho rádio em casa por isso não tenho nenhum programa a indicar.	Nenhum contributo a rádio teve para mim na época da COVID 19	Várias vezes tive que ir à escola para tirar cópia dos exercícios para fazer em casa. Porque nossos professores disseram que quem não tivesse como acompanhar as aulas via rádios devia ir a escola recolher exercícios e assim fez.
Aluno D	Não temos rádio, por isso não tenho acompanhado os programas radiofónicos.	Não me ajudou em nada.	Não tive contacto com os professores, só depois quando retomamos as aulas, eles explicaram os exercícios que tínhamos exercitado em casa.
Aluno E	Acompanho o programa de crianças, radionovelas, programas sobre saúde, e no período em que tivemos as aulas interrompidas acompanhei algumas aulas via rádio.	Contribuiu um pouco, porque nem tudo eu entendia aquelas aulas, era difícil entender.	Não tive contacto com os professores neste período.

Os professores jogam um papel importante no processo de ensino-aprendizagem, para o melhor entendimento do diálogo professor/ aluno via rádio comunitária e o uso desta como ferramenta didático pedagógico é necessário cruzar a fala dos alunos com o dos professores. O quadro 4 representa a visão dos professores sobre este processo.

Quadro 4. Visão dos professores sobre o processo

Entrevistados	Planificação de aulas	Contributo da rádio no processo de ensino	Existência de diálogo entre professor/aluno
Professora A	Nós planificávamos a nossa aula, por que muitas das vezes planificávamos com o nosso coordenador, que foi indicado pela direcção distrital de educação de Sussundenga, que mostrávamos os planos de aula, para fazer a censura da aula.	A aula eu dava bem, porque depois de eu sair daqui, as pessoas que escutavam, falavam algo positivo, dizer que a aula estava sendo dada bem e era muito interessante para aquelas pessoas e alunos que estavam	Quando a dúvida era difícil, porque não havia contacto entre o professor e aluno. Aqui não se estava a dar aulas de Matemática, a minha maneira de perceber, porque precisa praticar, porque precisa praticar porque é diferente de

	A nossa planificação, escrevíamos preliminares, depois agente planificava os conteúdos da aula que íamos dar naquele dia, diferente do plano da sala de aula.	escutando no momento de leccionação.	português e historia, porque a criança precisa de exercitar, em minha opinião, a direcção distrital preferiu que não se leccionassem as aulas de Matemática.
Professor B	Não tivemos formação, planificava minha aula, planificava os conteúdos para dar no dia seguinte, diferente da forma como faço na sala de aula, porque lá faço grelha, ao passo que aqui fazia em forma de apontamento. Eu explicava segundo aquilo que eu planificava, não havia como dar exercício.	É possível em Moçambique dar se aula em rádio, porque primeiro da se informação aos pais e encarregados de educação sensibilizarem os seus alunos para sensibilizarem os seus educandos e acompanharem a rádio.	É isso que eu disse, eu falava sozinha, como aqui tem um número da rádio, eu ditava para aquele que tiver dúvida, poder esclarecer, enviavam e eu recebia, e esclarecia na aula anterior, antes da aula do dia, eu fazia revisão. Era possível fazer acompanhamento, porque primeiramente eu chegava, me apresentava daí orientava os pais encarregados de educação para abrirem a rádio juntamente com os seus filhos e acompanharem com eles. Não, não tenho formação para dar aulas em rádio.

Ao analisar tanto o que foi dito pelos alunos como o que foi dito pelos professores pode se afirmar que leccionar usando rádio comunitária ainda é um desafio, tanto para os professores enquanto produtores de conteúdos como para os alunos enquanto receptores. A falta de treinamento dos professores para a produção de conteúdos didácticos para serem transmitidos via rádio cria um entrave no processo, por outro lado, a falta de aparelhos de recepção por parte dos alunos constitui outro entrave ao processo de ensino via rádio comunitária.

6. BREVES CONCLUSÕES

Feitas as entrevistas e os questionários sobre o uso das rádios comunitárias como ferramenta didático-pedagógica em Manica-Moçambique em tempos de pandemia conclui-se que ainda constitui um desafio tanto para os professores, como para os

alunos e para as rádios. Esta conclusão surge pelo facto de os professores ao longo da sua formação não serem ensinados a produzir conteúdos para serem transmitidos via meios de comunicação e em especial via rádios, por outro lado os currículos da formação de professores não prevêem disciplinas que lhes orientam para a leccionação via meios de comunicação.

Os alunos das zonas rurais de Manica, por causa da pobreza não têm aparelhos para a recepção dos conteúdos transmitidos pelos professores via rádios, isso implica um investimento por parte dos gestores educacionais em meios recptores para as comunidades, por outro lado é necessário uma mobilização para que estes possam olhar para os meios de comunicação como ferramenta didático-pedagógica, isso passa pela utilização desta ferramenta em tempos normais e não só em tempo de pandemia.

As rádios comunitárias devem engajar-se cada vez mais neste processo, através de formações direccionadas aos docentes de vários níveis de ensino e abrirem espaço para que os professores possam transmitir aulas interactivas para os alunos.

Pode se concluir ainda, que embora o processo de educomunicação seja antigo e configure a educação via meios de comunicação, o processo de uso das rádios comunitárias como ferramentas para o ensino-aprendizagem é relativamente novo. Isto obriga o professor a adequar-se as novas linguagens, com vista a fazer com que o aluno possa entender e dar sentido ao que é transmitido. Surge aqui a figura de profcomunicador.

O Profcomunicador é aquele professor que para além de dominar os aspectos didático-pedagógicas, precisa também dominar os aspectos mediáticos, isto é ter a capacidade de planificar para além das aulas presenciais, aulas para serem transmitidos via meios de comunicação, por outro lado este profissional da educação deve ser capaz de programar acções educativas usando os meios de comunicação, mediante o uso de linguagens e recursos pedagógicos e mediáticos. Esta figura é diferente a que Soares (2014) identificou como sendo educomunicador, um profissional capaz de elaborar diagnosticar e coordenar projetos no campo da inter-relação educação/comunicação. Reforça o autor que os educomunicadores são agentes sociais capazes de programar

“acções comunicativas”, com objectivos expressamente educativos, mediante o emprego das linguagens e recursos de informação a partir de determinados pressupostos inerentes àquilo que se afirma ser próprio do conceito e à prática da educomunicação.

7. RERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARC. (1998). O que é a rádio comunitária? – Um guia Prático. Publicado por AMARC África e Panos África Austral.

Bogdan, S. J. T. (1994), introducción a los métodos cualitativos de investigación. Barcelona: Paidós.

Bouer, M. W. et al. (2002). Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. Em M. W. Bouer e G. Gaskell (Eds.). *Pesquisa qualitativa, com texto, imagem e som* (pp. 17-36). Petrópolis (Vozes).

Cea D’Ancona, M. A. (1999). Metodología Cuantitativa: estrategias y técnicas de investigación social. Madrid: Síntesis.

Goldenberg, M. (2004). *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. Rio de Janeiro: Record.

Maunze, X. H. et al. (2017). IV Recenseamento Geral da população e Habitação, 2017, resultados definitivos. Maputo: INE

ICS (1999). Estratégias para o desenvolvimento das rádios comunitárias em Moçambique -Maputo.

Kaplún, M. (1998). *El Comunicador Popular*. Quito: CIESPAL.

Kauark, F. et. al. (2010). *Metodologia da pesquisa: guia prático*. Itabuna: Via Litterarum.

Michel, M. H. (1968). *Metodologia e pesquisa Científica em ciências sociais*. São Paulo: Editora Altas.

Neeleman, W. e Nhavoto, A. (2003). Educação a distância em Moçambique. *Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância*. Disponível em <https://cutt.ly/pPUDHuA>

Narvaez, A. (2019). Comunicación educativa, educomunicación y educación mediática: una propuesta de investigación y formación desde un enfoque culturalista. *Palabra Clave*, 22(3). <https://doi.org/10.5294/pacla.2019.22.3.11>

Rádio Comunitária de Sussudenga (Manica) (2001). Breve resenha histórica sobre o seu percurso e experiencia. Manica: Sussundenga.

Rádio Comunitária de Sussudenga (Manica). Informação por ocasião à visita do Consultor da FAO em Moçambique a Rádio. Manica- Sussundenga.

Soares, I. de O. (2014). Educomunicação e a formação de professores no século XXI. *Revista FGV Online*, 4(1). Disponível em <https://cutt.ly/bPFv5so>

UNESCO (2004). Diretório das Rádios Comunitárias de Moçambique-Maputo.

Yin, R. K. (2001). *Estudo de caso: planeamento e métodos*, Trad. Daniel Grassi. Porto Alegre: Bookman.

Vieira Mário, T. et al. (2010). *Rádiodifusão pública em África*. Johannesburg: Open Society.

Zavale, A. D. (2019). Parcerias entre Rádios Comunitárias e Municípios como estratégia de gestão municipal compartilhada. Estudo de caso dos Municípios da Cidade de Chimoio, da Vila de Sussundenga e das Rádios Comunitárias de Sussundenga e GESOM. (Tese doutorado). Universitat Autònoma de Barcelona, Barcelona. Disponível em <https://cutt.ly/vPFbCF8>